



série Consequências

Até o ÚLTIMO
AMANHECER

um romance de época de
ALINE GALEOTE

Prólogo

Lincolnshire, Propriedade do Conde de Harrington – abril de 1822

A última visão que Olivia teve antes do Sr. Lambert beijá-la foi de seus olhos, cinzentos como uma manhã chuvosa, fitando-a com agressividade. No mesmo instante em que seus lábios se tocaram, um raio cruzou o céu marcando o momento. Olivia estremeceu na segurança de seus braços. Não sabia se devido ao som do trovão, que ecoou logo em seguida, ou se pela sensação de ser tocada pelo Sr. Lambert. Jamais alardearia inocência dizendo que não esperava que isso acontecesse. Fora uma decisão consciente procurá-lo no escritório de primo Damian.

Em um gesto rude, o Sr. Lambert a aproximou de seu corpo, envolvendo-a em um desejo perigoso. Deixou escapar um gemido rouco quando o secretário se afastou para beijar seu pescoço, deslizando os lábios até sua orelha. Sentiu a língua acariciá-la antes de suas bocas se unirem em um novo embate. Ofereceria de bom grado tudo o que quisesse, contanto que continuasse a fazer com que se sentisse viva. Era a primeira vez, desde a morte de Simon, que sentia uma centelha de esperança. Talvez existisse uma pálida felicidade esperando para ser encontrada e vivida. Se ao menos tentasse...

Um novo raio cruzou o céu enquanto a chuva fustigava o vidro da janela atrás de suas costas. O som estrondoso que o seguiu instigou o Sr. Lambert a levar a ação a outro nível. Olivia sentiu suas pernas serem pressionadas contra a mesa de trabalho de seu primo. Sem qualquer indicação prévia do que aconteceria, foi erguida no ar e colocada sobre o móvel com o secretário abrindo caminho no meio de sua saia para se posicionar entre suas pernas.

Estava sentada em uma mesa com as coxas entreabertas enquanto um homem a beijava de forma apaixonada. Deveria sentir vergonha por tomar parte em algo tão escandaloso. Mas tudo o que sentia era que não estavam perto o suficiente. Suas mãos agarraram os cabelos macios do Sr. Lambert, enquanto as inevitáveis lágrimas alcançavam seus olhos.

Era tão parecido a Simon.

Sua altura, a cor incomum de sua íris, a textura dos fios de seu cabelo. Sentia uma familiaridade assustadora sempre que se encontravam.

Tais comparações escaparam de seu pensamento quando sentiu o toque inapropriado do secretário próximo aos seus seios. Era a primeira vez que um cavalheiro a tocava com intimidade. Enquanto entregava-se a sensações proibidas, o homem que as despertava se afastou repentinamente murmurando um impropério.

Encarou-o com olhares indagadores, alimentados pela paixão que a consumia. O Sr. Lambert manteve a cabeça baixa, as mãos apoiadas sobre a mesa em cada lado de seu corpo. Esboçou um sorriso cínico e olhou sobre o ombro direito.

Olivia, com as mãos agarrando de forma possessiva o pescoço do secretário, ouviu um gritinho histérico.

Oh, Deus, não!

Parada à porta do escritório, a expressão horrorizada, encontrava-se Lady Hutchings, a amiga de sua mãe.

O que em nome dos céus fazia no escritório de primo Damian?

Sentiu o rosto corar violentamente. Em tempo algum vivera situação mais mortificante. Para completar seu infortúnio, ouviu passos que seguiam apressados na direção do escritório. Ainda estava muito aterrada para qualquer reação além de respirar com dificuldade e desejar que um raio a atingisse para que morresse com alguma dignidade. O Sr. Lambert teve mais presença de espírito. Afastou-se com tamanha rapidez que Olivia se sentiu a mais indesejada das criaturas.

Lady Berwich, que até pouco tempo atrás era referida como a Condessa Viúva, apareceu à porta. Olivia implorou aos céus para que fosse enviado um raio mortal. Ouviu o arquejo espantado de sua mãe e observou como sua face ia do tom pálido habitual para um vermelho escarlate enquanto seus olhos compreendiam a cena que tinha diante de si.

— Olivia! — Eleanor gritou ultrajada, dando um passo para dentro do aposento com um olhar acusatório sobre a filha. — Como pôde envergonhar-me de tal forma, atracando-se com esse... — lançou um olhar de profundo desprezo ao Sr. Lambert — ...*senhor* no escritório de Lorde Harrington? Desça da mesa imediatamente!

Movida pelas palavras da mãe, Olivia saltou para o chão e aprumou a saia da melhor maneira que conseguiu. Seus dedos trêmulos prenderam uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Lady Hutchings parecia prestes a sofrer um ataque apoplético. Olivia sentiu uma imensa vontade de rir e precisou recorrer a todo seu autocontrole. Não ajudaria sua causa se perdesse as estribeiras e se entregasse às gargalhadas.

Lady Berwich continuava a condená-la por seu comportamento imoral enquanto caminhava de um lado a outro da sala.

— Jamais recebi tamanha afronta em minha vida. Veja o que fez, criança tola! Será obrigada a se casar com um *secretário*! — Sua mãe a encarou com os olhos cheios de lágrimas. Olivia encolheu-se desamparada. — O que diria seu pobre pai que descansa no reino dos céus? Oh, não posso suportar esta terrível provação!

Ouviram alguém pigarrear na porta, o que foi suficiente para que sua mãe interrompesse o embaraçoso discurso. Victoria estava à entrada do escritório acompanhada por primo Damian. Analisou a cena com curiosidade e demonstrou no olhar toda a compaixão que sentia por seu infortúnio. O conde, por sua vez, sorria. Parecia até mesmo divertido. Enquanto o homem que a beijara com tanto ardor poucos minutos atrás, demonstrava agora uma fria indiferença.

Era suposto que o Sr. Lambert ao menos defendesse sua honra ou tentasse negar o acontecido. Entretanto, encontrava-se apoiado no console da lareira com os braços cruzados sobre o peito e um sorriso de escárnio no rosto.

— Parece que hoje é seu dia de sorte. — Era primo Damian quem tomava a palavra e se dirigia a sua mãe. Com relutância, Olivia afastou os olhos do Sr. Lambert e o encarou. — Minha querida prima será uma duquesa.

As reações às suas palavras manifestaram-se através de um incômodo silêncio. Lady Berwich pareceu surpresa com a declaração inesperada. Lady Hutchings, passado o

assombro inicial, assistia ao desenrolar dos acontecimentos com indisfarçável interesse. Primo Damian sorria enquanto os inteligentes olhos azuis perscrutavam seu secretário.

Sem mover a cabeça, Olivia desviou furtivamente o olhar para o Sr. Lambert. Seu sorriso demonstrava que não era um homem dado a pilhérias, pois, certamente era disso que se tratava. Primo Damian tentava amenizar a situação constrangedora com uma de suas frases zombeteiras.

Lady Berwich foi quem rompeu a ilusória calma do momento.

— Não compreendo. — Sua voz era apenas um eco de seus gritos anteriores. — Por que diz que minha filha será uma duquesa?

— Porque é a verdade. — Damian sorriu abertamente, evitando o olhar de seu secretário. — Tive uma vida inteira dedicada à libertinagem para ser capaz de reconhecer o que aconteceu neste escritório. — Fez uma pausa e encarou a esposa com adoração. — Desnecessário dizer que esta vida chegou ao fim quando a conheci. — Voltou a encarar Lady Berwich, a expressão tornando-se séria. — Olivia se tornará uma duquesa, pois irá se casar com o Duque de Bendington.

O olhar de Damian caiu sobre o Sr. Lambert que ergueu os lábios em um sorriso arrogante.

Olivia engoliu em seco. Sentiu as pernas bambearam ao ouvir o nome que assombrara seus pensamentos por anos. Com as mãos trêmulas e o rosto pálido, encontrou apoio no encosto de uma cadeira. Seus pensamentos lutavam para entrar em concordância com uma realidade que não desejava encarar.

— Qual a razão para mencionar o Duque quando não possui qualquer relação com o assunto que temos em mãos? — Ouviu a indagação de sua mãe em um tom de voz que parecia distante.

— Equivoca-se, prima Eleanor — respondeu Damian com um olhar sério para o seu secretário. — Bendington encontra-se nesta sala. Na verdade, está encostado em minha lareira como se o lugar lhe pertencesse. Um de seus maus modos, devo acrescentar. E, conhecendo-o como conheço, sei que se casará com Olivia. Do contrário, resolveremos a questão no campo da honra.

A sala voltou a ficar em silêncio enquanto cada um dos presentes processava à sua maneira a nova gama de informações. Olivia repetia, em pensamento, que isto não estava acontecendo. O Sr. Lambert *não era* o Duque de Bendington. Eram primos, dissera. E acabara de reafirmar, olhando em seus olhos, que Simon estava morto. Recusava-se a acreditar em qualquer outra possibilidade.

Por fim, o homem central do drama abandonou a fachada tranquila e postou-se em frente a Harrington. Ambos sorriram. Primo Damian com um mal disfarçado divertimento. O outro, com um sorriso perigoso nos lábios. Era evidente o esforço que fazia para não levantar os punhos contra seu empregador. Por um momento, Olivia temeu que acertassem suas diferenças na frente de todos. Victoria foi acometida pelo mesmo temor, pois se aproximou de forma instintiva do marido e segurou em seu braço.

— Quando colocado desta maneira parece que não tenho escolha. — O Sr. Lambert finalmente se manifestou, mantendo o sorriso presunçoso no rosto.

— Há duas escolhas, Bendington — Primo Damian retrucou, voltando a exibir uma expressão austera. — No entanto, uma decisão é mais sábia do que a outra. Sei que não tem qualquer apreço por sua vida e que consideraria um favor se alguém colocasse um fim a sua existência. Mas gostaria que pensasse no quanto o escândalo afetaria minha prima, minha família e *suas irmãs*.

O sorriso do Sr. Lambert se alargou ao colocar distância entre os dois. Virou-se para encarar Lady Berwich, que recuou ao ter a atenção do misterioso homem sobre si.

— Parece que nos tornaremos parentes, milady. Espero que um *ducado* seja o suficiente para atender suas ambições — disse de forma debochada, executando em seguida uma perfeita reverência como se estivesse diante da própria rainha.

Sem proferir nenhuma outra palavra, virou-se para sair do escritório.

Olivia encontrou suas forças ou o que restara delas. Não poderia permitir que partisse sem uma explicação.

— Espere — proferiu a palavra com a voz embargada por sentimentos contraditórios. O Sr. Lambert ficou imóvel e permaneceu de costas. Esperou que fosse ignorá-la, mas virou o corpo lentamente e a encarou. Seu rosto não demonstrava nada além de escárnio. Não soube dizer se fingia a expressão ou se realmente encarava a situação como digna de deboche. — O senhor é... — Precisou engolir sua angústia antes de continuar. — ...Simon Northam?

O Sr. Lambert sorriu. Um sorriso que pareceria desmanchar-se em gentilezas a uma pessoa que não o conhecesse. Mas Olivia sabia o quanto esse sorriso vinha carregado de ironia e desprezo.

— A seu dispor, milady. — Foi a resposta que recebeu, acompanhada por outra reverência zombeteira.

Sem dirigir-se a ninguém mais, o Duque de Bendington deixou o aposento.

I - Descoberta

“Assim que se olharam, amaram-se; assim que se amaram, suspiraram; assim que suspiraram, perguntaram-se um ao outro o motivo; assim que descobriram o motivo, procuraram o remédio.”

DO JEITO QUE VOCÊ GOSTA – ATO V – CENA II
WILLIAM SHAKESPEARE

Capítulo I

Vinte anos antes

Dois garotos atravessavam um corredor escuro sendo guiados pela luz de uma única vela. O mais velho deles, Evan Northam, era quem liderava a excursão proibida ao escritório do duque. Seu primo, Simon Northam, filho mais velho do Duque de Bendington, era cinco anos mais novo. Enquanto Evan herdara os cabelos loiros da família de sua mãe, Simon era o que poderia ser considerado o exemplo máximo de aparência da aristocrática família Northam. Tinha os cabelos pretos como uma noite sem estrelas. Seu nariz, perfeitamente simétrico, assemelhava-se aos quadros de seus ancestrais pendurados na galeria de retratos. Os olhos cinzentos eram muito parecidos aos de seu primo. No entanto, a tonalidade da íris não era a única semelhança que existia entre os garotos. Simon era tão alto quanto Evan, podendo facilmente se passar por um rapaz mais velho do que os seus dez anos de idade.

A ideia de invadir o escritório do duque partira de Evan a quem Simon devotava um grandioso respeito infantil. Neste momento, entretanto, não estava seguro sobre o que antes parecera um excelente plano. Seu primo havia proposto que esperassem que todos na casa estivessem dormindo para irem até o escritório do duque. O objetivo era beberem whisky como verdadeiros cavalheiros.

Simon olhou apreensivo para as ostensivas paredes de pedra de Branch Abbey. No passado, a casa ancestral da família havia abrigado os membros de um mosteiro e sobrevivera intacta a um cerco no reinado de Henrique VII. Conhecia todos os detalhes das batalhas sangrentas travadas por seus ancestrais e as vidas e os louros de cada um dos homens que antecederam seu pai no título de Duque de Bendington. Tamanha sabedoria poderia ser facilmente confundida com admiração pela história da família, mas a realidade era que Simon temia a palmatória do austero tutor contratado por seu pai. Apesar da aparência frágil e envelhecida, o Sr. Mostyn possuía uma incrível força e uma voz poderosa e ressoante que costumava utilizar com frequência para adverti-lo antes que a vara descesse sem piedade sobre suas canelas. O vasto conhecimento que seu tutor tinha da história dos Northam não era sem justificativa. Esta era a segunda geração de herdeiros do ducado que tomava sob sua responsabilidade.

Simon apressou o passo para acompanhar o primo que fazia a curva para entrar no corredor do escritório de seu pai.

— Evan — o chamou com um sussurro, olhando atentamente para os lados. — Não acha melhor voltarmos?

Seu primo prosseguiu como se não tivesse escutado suas palavras. Parou em frente à porta do escritório do duque e virou o corpo para encará-lo, protegendo a chama da vela com a mão direita.

— Entrarei neste escritório, beberei whisky e fumarei charuto como um cavalheiro — respondeu com a arrogância típica de um garoto de quinze anos. — Se o amedronta a aventura, volte para o seu quarto e se esconda embaixo das cobertas como um garotinho chorão.

Simon lançou um olhar feio ao primo.

— Não sou um covarde! — retrucou aborrecido. — Mas sabe que o Duque não ficaria contente se nos descobrisse.

Tinha o assustador conhecimento de que não receberiam apenas um sermão de seu pai. Se os encontrasse, seria bem provável que levassem uma surra por violar as dependências de seu santuário masculino. O duque não era conhecido por ser um homem de temperamento razoável. Prova disso era a rígida educação que dava a seus filhos. Simon, sendo o mais velho, era o alvo preferido das reprimendas e correções. Uma das duras lições que aprendera era a de não travar conversas com os serviçais ou agradecer seus préstimos. Seu pai costumava dizer que a única utilidade de um criado era exercer a função para a qual havia sido contratado. Jamais esqueceria o dia em que estava reunido com a família à mesa do jantar, em uma rara ocasião, e recebera um tapa no rosto por agradecer ao homem que servira sua sopa. Duques não agradeciam as gentilezas recebidas. Duques ordenavam e eram servidos. Por motivo semelhante seu pai substituíra o *valet* que o atendera por toda a vida. Simon cometera o erro de sorrir para o velho Harvey na presença do duque. O criado fora afastado de suas funções e teve sua posição rebaixada dentro da casa.

Ao longo dos anos, Simon se acostumara a receber voluntariamente a culpa pelas peripécias de suas irmãs mais novas. Porém, não gostaria de sofrer os castigos de seu pai por conta de um plano insensato de Evan.

Seu primo inclinou o corpo para frente e abriu um sorriso de desdém.

— Prove que não é um garotinho chorão — o desafiou antes de abrir com cautela a porta do escritório do duque.

Simon lançou um olhar apreensivo para o corredor e deu um passo porta adentro.

O aposento estava vazio. Cheirava levemente a fumaça de charuto e a cera que os criados costumavam usar para lustrar os móveis. As toras de madeira continuavam a queimar na grandiosa lareira de pedra escovada.

Evan assoprou a vela e colocou o castiçal sobre a mesa do escritório onde seu pai costumava varar as noites redigindo cartas ou fazendo anotações nos livros contábeis da propriedade.

Com um olhar apreensivo, Simon observou Evan se aproximar do armário de bebidas. Seu primo tentou deslocar os dois puxadores de cerâmica chinesa que ornavam as portas de madeira, mas o armário não cedeu. Simon se aproximou com passos hesitantes, disposto a convencê-lo a desistir de saquear as bebidas do duque.

— Vamos retornar — implorou ao primo, em um tom de voz choroso, sem tirar os olhos apreensivos da porta.

Ignorando seu apelo, Evan levou a mão ao bolso da calça e resgatou um objeto fosco do seu interior. Com um olhar de triunfo, exibiu a chave do armário. Simon o encarou incrédulo.

— Onde a conseguiu? — perguntou temeroso e ao mesmo tempo fascinado com o incrível feito de seu primo.

Evan empurrou a chave de encontro ao buraco da fechadura e a virou. Ouviram um suave clique.

— É sempre útil saber quais criados podem ser subornados — respondeu com um sorriso de superioridade.

Simon desviou os olhos do primo e analisou com curiosidade as garrafas cuidadosamente dispostas nas prateleiras estreitas. Por um momento, a ansiedade e a apreensão foram esquecidas. Uma garrafa em particular chamou sua atenção. Era azul, ricamente adornada com detalhes em ouro e pedras preciosas. Foi exatamente a escolhida por Evan que a

destampou e cheirou seu conteúdo, passando-a em seguida para suas mãos. Enquanto seu primo ia em busca de copos apropriados, Simon levou a garrafa ao nariz com uma careta. O odor forte do álcool fez com que suas narinas ardessem.

Evan retornou e tirou a garrafa de suas mãos. Despejou o líquido dourado nos copos e lhe entregou um deles. Sem esperá-lo, caminhou até as poltronas voltadas para o fogo e sentou-se preguiçosamente. Simon o acompanhou, ocupando a poltrona oposta, e levou a bebida aos lábios. O líquido desceu por sua garganta deixando um rastro de fogo por onde passava. Tossiu para se livrar do incômodo, cuspidando parte da bebida no tapete.

Evan riu sadicamente. Simon o encarou aborrecido, os olhos lacrimejantes.

— Lembre-se do que nos contou o Sr. Talbot — apontou seu primo. — Um homem deve primeiro aprender a beber seu whisky antes de levar uma mulher para a cama.

Simon encarou o copo em suas mãos com desconfiança, o rosto torcido em uma careta de desagrado. Queria levar uma mulher para cama. *Um dia*. Mas esperaria de bom grado por mais alguns anos até que aprendesse a beber whisky. Fingiu tomar o conteúdo do copo apenas para que não voltasse a ser chamado de garotinho chorão.

— É verdade que viu os seios da criada de quarto de sua mãe? — indagou, após um confortável silêncio entre os dois.

Evan sorriu presunçoso e esticou os pés à frente, absorvendo o convidativo calor das chamas. Apoiou os braços na poltrona preferida do duque sem responder a indagação de seu ingênuo primo.

— Como eram seus seios? — Ouviu Simon insistir.

— Eram grandes — respondeu com um ar misterioso.

— E o que mais?

— Rosados e... *cremosos*.

— Cremosos? — Simon franziu as sobrancelhas com um ar genuíno de inocência. — Que palavra estranha para descrever um par de seios. Por que a criada deixou que os visse?

Evan deu de ombros, displicente.

— Acha que eu poderia tocá-los? — Simon continuou com as perguntas sem perceber a repentina agitação de seu primo.

Evan fez um sinal para que ficasse em silêncio. Simon ouviu som de passos se aproximando do escritório. Seus olhos se arregalaram em pânico. Se o duque os descobrisse...

— O que faremos? — perguntou, encolhendo-se com o temor de receber castigos físicos.

— Fique quieto — Evan sibilou entredentes e levantou-se da poltrona.

O agarrou pelo braço e o conduziu até a parte traseira do sofá. Esconderam-se no instante exato em que a porta foi aberta com violência. Ouviram a madeira ricochetear na parede de pedra com um estrondo.

— Não tinha o direito!

Simon ouviu a voz chorosa de sua mãe. Seu primeiro impulso foi levantar-se e verificar o que acontecia. Mas Evan empurrou seu ombro para baixo, impedindo a ação precipitada.

— Não tinha o direito? — a voz do duque soou descontrolada.

Desvencilhando-se das mãos de seu primo, Simon espiou por cima do sofá.

Encontrou a mãe com os longos cabelos pretos soltos e os olhos marejados de fúria e dor. Usava um comprido casaco por cima da roupa de dormir. Seu pai estava em frente à mesa em trajes de montaria. O assistiu colocar sobre o móvel uma caixa retangular de madeira. Reconheceu o objeto como sendo o local onde o duque guardava suas pistolas de duelo. Uma recordação fugaz, da época em que o pai o havia ensinado a caçar, surgiu em seu

pensamento. Dissipou a abominável lembrança, sentindo um arrepio no braço que havia utilizado para sustentar a arma que disparara contra um coelho.

O duque encarou sua mãe, contemplando-a com ódio.

— É encontrada nos braços de outro homem e não tenho o direito de enviá-lo para baixo da terra?

Simon arregalou os olhos e entreabriu a boca em espanto. Evan lançou um olhar de alerta na sua direção e levou um dedo aos lábios, pedindo silêncio.

— É um assassino! — sua mãe bradou com raiva, provocando um riso nervoso do duque.

— Foi um duelo, minha querida. Um tiro limpo e certo. — Seu pai se aproximou de sua mãe e agarrou seus braços antes de vociferar as palavras com violência. — Agradeça aos céus por eu permitir que continue respirando. Da próxima vez que me fizer de tolo, na frente de conhecidos, não mostrarei benevolência.

O duque a empurrou bruscamente na direção da poltrona, abandonando o escritório em seguida.

Os soluços angustiados tocaram o coração de Simon. Queria consolar a mulher que lhe dera a vida, mas duvidava que o gesto fosse bem-recebido. Recordou a ocasião em que esfolara os joelhos no chão de pedra do terraço. Com cinco anos completos e a curiosidade natural de uma criança, perseguira um grilo que chamara sua atenção e acabara por tropeçar nos próprios pés. A surpresa por ver-se repentinamente no chão, mesclada com o medo e a dor, produziram uma reação instintiva de um pranto angustiado. Simon erguera os braços e os olhos lacrimosos para a mãe em busca de conforto. A duquesa apenas o olhara do alto e o repreendera severamente por choramingar. O pranto, dissera, era um odioso sinal de fraqueza. Simon se encolhera diante da fria indiferença. Antes que sua mãe saísse irritada do terraço, apertando vigorosamente as têmporas com as pontas dos dedos, solicitara à ama que o levasse para o quarto onde não seria capaz de ouvir o que considerava *“lamuriasas birras infantis”*.

Simon sentiu Evan puxá-lo com urgência pela camisa. Seu primo lançou um olhar significativo para a porta. Assentiu em muda concordância, sentindo-se atordoado enquanto a duquesa se torturava em seu pranto ruidoso.

Agachados, percorreram a curta distância do sofá até a saída do escritório e seguiram no corredor escuro. Evan tentou chamar a atenção de seu primo, mas Simon fez um gesto brusco para que o deixasse em paz. Quando alcançaram a ala destinada aos aposentos da família, encontraram uma vela queimando em uma arandela enegrecida pelo uso. Esgueiraram-se em silêncio até a porta do quarto de Evan.

Simon não teve coragem de encarar o primo. Seria constrangedor se encontrasse compaixão em seus olhos.

— Boa noite. — Ouviu Evan sussurrar.

Com um ligeiro meneio de cabeça, seguiu na direção de seu aposento. Demorou a notar a presença de uma garotinha na porta de seu quarto. Sarah o encarava com olhos chorosos, o rastro de uma lágrima marcando o inocente rostinho infantil. Tinha cinco anos, dois a mais que Charlotte, a filha mais nova do Duque e da Duquesa de Bendington. Sua irmã estava descalça e trazia os cabelos escuros recolhidos em uma comprida trança. Em seus braços carregava uma boneca de pano cujos olhos de botão, adornados por pestanas pretas tingidas de tinta, estavam a ponto de se desprenderem da cabeça.

— Sarah? — Simon indagou indefeso, sem saber como reagir à presença inesperada e inconveniente de sua irmã. Voltou a cabeça para trás esperando encontrar Evan, mas o primo já havia se recolhido.

— Ouvi os gritos de um homem malvado — Sarah sussurrou as palavras com terror e ergueu os olhos para encará-lo. — Estou com medo.

Simon apertou os lábios em uma linha fina. Sarah havia escutado a discussão dos pais.

— Onde está a Srta. Clarence? — perguntou com expectativa. Seus próprios receios e angústias foram deixados de lado.

A Srta. Clarence era a governanta de suas irmãs. Sabia melhor do que ninguém como acalmar os temores das duas meninas. Estava certo de que seu auxílio seria mais benéfico a Sarah do que a sua assistência. Não tinha muito a oferecer para confortá-la.

Porém, sua irmã meneou a cabeça, assinalando que não conhecia o paradeiro da governanta.

— Posso dormir com você, Sy?

Simon a encarou estarecido. Garotos não dormiam na mesma cama que garotas, era uma regra.

— Sabe que não é permitido — respondeu com constrangimento, desviando os olhos do rostinho onde eram facilmente identificáveis a aflição e o medo.

Ao voltar a encarar Sarah, notou que seus lábios tremiam com o pranto não derramado. Inesperadamente, sua irmã atirou os braços ao redor de suas pernas, abraçando-o com força. Simon gemeu com uma careta de repulsa.

— Está bem, está bem — concordou com relutância e aborrecimento, afastando a irmã. — Apenas desta vez.

Sarah assentiu com os olhinhos brilhando e Simon abriu a porta de seu quarto. Acomodou a irmã na cama e estendeu o corpo ao seu lado. Enquanto Sarah ressonava tranquilamente, agarrada à boneca de pano, reviu em pensamentos a cena que presenciara no escritório do duque.

Levara quase um mês para digerir a informação de que seu pai havia matado o amante de sua mãe. Enquanto a duquesa mal saía de seu aposento durante os dias que se seguiram, Simon esperara, apreensivo, que os oficiais da justiça viessem buscar o duque para levá-lo diante de um tribunal. Mas, aparentemente, um nobre poderia cometer qualquer ato ilícito e sair impune se soubesse conduzir a situação de modo que o favorecesse. Começava a compreender as engrenagens que faziam girar o mundo privilegiado em que havia nascido. Um mundo regido por aparências, medo, autoridade e poder.

As estações do ano se alternaram em seu ciclo infinito. Evan ingressou no exército de Sua Majestade enquanto Simon foi enviado a Eton para que completasse os estudos. Entre aulas de latim avançado, matemática e astronomia, vivenciou os melhores anos de sua vida. Fez amizades duradoras e um considerável número de desafetos. Aprendeu a beber seu whisky e tornou-se perito em armas de caça e pistolas de duelo. Na sofisticada sociedade londrina, conheceu mulheres casadas dispostas a partilharem sua cama. As viúvas disputavam sua atenção, enquanto juvenzinhas ingênuas suspiravam por seus modos friamente polidos. Foi adulado por desconhecidos e alçado a posição de excelente partido. A porção feminina de Londres dizia que o marquês de Campbell, futuro Duque de Bendington, era bonito e sedutor como o diabo e mais enigmático do que uma esfinge. Raramente era visto com outras pessoas que não fizessem parte de seu seleto grupo de conhecidos e nunca demonstrara especial interesse por nenhuma dama, casada ou solteira. Os jovens recém-saídos da escola tentavam imitar seu porte altivo e cavalheiresco. Ao passo que os homens mais velhos o respeitavam por suas atuações conciliatórias no Parlamento. Como filho de um membro da Câmara dos Lordes, tinha direito a ocupar um assento na Câmara dos Comuns. Algo que seu pai o obrigava a fazer desde que terminara os estudos.

Aos vinte e dois anos de idade, Simon Northam não era mais o garoto ingênuo de outrora. Possuía um coração endurecido e um cinismo que parecia transbordar de seus inescrutáveis olhos cinzentos. Porém, os que o conheciam na intimidade, longe dos olhares da hipócrita sociedade londrina, diriam que o marquês era um homem honrado, que depositava sua lealdade naqueles em quem confiava. Além de demonstrar ter um caráter compreensivo e atencioso e uma forte inclinação para a generosidade.

Apesar da maneira cínica com que passara a enxergar o mundo, havia algo que permanecera inalterado em suas convicções: o desejo de proteger as irmãs de toda a falsidade que regia as regras de convívio em sociedade. Por este motivo, mantivera o duque às margens da ignorância quando surpreendera Sarah em sua insensata tentativa de fugir nos braços de Ramsbury.

Fora sua primeira experiência como irmão de uma dama elegível e não poderia dizer que fora agradável ver sua irmã distribuir sorrisos e ganhar olhares *avaliativos* de seus amigos.

Com dezessete anos, Sarah poderia ser descrita como uma jovem romântica e sonhadora. Não era incomum encontrá-la com um livro nas mãos, suspirando por amores que somente existiam no papel. Recebera sete propostas de casamento e declinara uma por uma, dizendo que não aceitaria uma união na qual não existisse um amor verdadeiro como os de seus livros. Irônico pensar que o único cavalheiro por quem caíra de amores fosse justamente um caça-dotes. Não era nenhum segredo que as finanças de Lorde Ramsbury iam de mal a pior. O conde era um conhecido frequentador dos clubes masculinos de reputação duvidosa, visto que perdera todas as cartas de crédito dos tradicionais estabelecimentos por não honrar suas dívidas. Compreensível que tivesse enxergado em Sarah a solução para os seus problemas financeiros.

No dia em questão, Simon havia retornado para casa mais cedo do que o esperado, após ter se aborrecido com um jogo de cartas que deixara seus bolsos mais leves. Estava prestes a entrar na residência quando avistara sua irmã, envolta em uma grossa capa, avançando rapidamente na direção de uma carruagem que a aguardava no final da rua. A intenção de Ramsbury era levá-la a Gretna Green para que se casassem. Porém, em vez de uma herdeira e a atraente promessa de moedas de ouro, tivera uma interessante conversa com seus punhos. Concedera duas escolhas ao patife: deixar imediatamente a cidade ou enfrentá-lo ao amanhecer. Para Ramsbury seria extremamente vantajoso que se ausentasse de Londres por conta dos numerosos credores que tinha em seu encalço. E, quando escolheu covardemente esta alternativa, Simon não pode evitar um sentimento de exasperação. Havia sido deveras benevolente com o sujeito.

Porém, o pior momento da noite acontecera quando confrontara Sarah por sua estupidez, logo após escoltá-la com segurança até a biblioteca. As lágrimas de decepção derramadas por sua irmã só não foram piores do que a frieza com que passara a tratá-la. Injustamente o acusara de ser um déspota sem coração tal como o duque. Simon se sentira tentado a corrigir a *ignóbil* comparação, mas não tivera coragem de apontar que o cavalheiro estava interessado apenas na quantidade de moedas que a acompanhavam. Algo que o duque teria feito questão de assinalar se tivesse sido informado sobre as intenções de Ramsbury. Preferiu suportar o rancor de Sarah a ser o responsável por destruir seus sonhos de um casamento baseado em algo tão frágil quanto o amor.

Quatro meses após o malfadado episódio, Simon observava a indisfarçada admiração de Sarah por Jacob Chadwick, visconde Hunnigan, com a suspeita de que seus flertes levianos tinham a única intenção de provocá-lo. A sala de estar onde se encontravam era de uso exclusivo da família e dos amigos mais íntimos. Era um dos únicos aposentos do antigo

monastério que não apresentava um ar lúgubre. As poltronas estilo Louis XV e a vistosa *chaise longue* de tecido escarlate haviam sido trazidas de Paris na última visita da duquesa à cidade. Tapetes persas e turcos, com seus intrincados arabescos, enfeitavam o chão cuidadosamente encerado pela equipe de criados. As cortinas — que uma hora antes encerravam a visão dos campos de Branch Abbey, forrados por folhas de cor cobre e laranja — esvoaçavam inquietas, carregadas pelo vento. Simon e o visconde haviam se dirigido à sala de estar para se despedirem de suas irmãs e da duquesa.

Conhecia Hunnigan dos tempos de Eton. Recentemente, haviam voltado a se aproximar, resgatando uma amizade que fora interrompida injustamente. No dia anterior, seu amigo fizera um convite para que o acompanhasse a uma visita à propriedade de sua família em Gloucestershire para retribuir a breve estadia que tivera em Suffolk.

— Lorde Hunnigan — dizia Sarah com olhares de admiração para o visconde. — Diga que voltará a nos visitar após o Natal, por favor.

Hunnigan procurou seu olhar em busca de ajuda, mas Simon apenas deu de ombros, divertindo-se com o desespero do amigo.

Sarah estava sentada ao lado da duquesa no canapé de brocado próximo à janela. As mãos entrelaçadas em seu colo enquanto os olhos azuis piscavam coquetemente. Os cabelos, tão escuros quanto os seus, estavam recolhidos em um penteado trançado que terminava no alto de sua cabeça.

— Não pode recusar um convite tão especial, milorde. — A duquesa uniu-se à causa de Sarah. Aparentemente, acabava de decidir que Hunnigan atendia às suas expectativas como um pretendente adequado.

— Será uma honra, Vossa Graça — o visconde respondeu com um sorriso forçado e um evidente desconforto.

Simon, que estava sentado no sofá oposto ao canapé, ouviu a risada discreta de Charlotte ao seu lado. Olhou com curiosidade para a irmã mais nova. Lottie, como costumava chamá-la, tentou disfarçar o riso inapropriado com uma tossidela. Por ser dois anos mais nova que Sarah, faria sua apresentação na Sociedade apenas no próximo ano. Seus grandes olhos acinzentados o encararam com inteligência.

— Estou compadecida com a situação de Lorde Hunnigan — sussurrou enquanto esticava a mão até o prato com bolinhos açucarados. Escolheu o maior e o levou a boca depois de acrescentar: — Se Sarah decidir que encontrou um novo amor, o visconde não será páreo para seus intentos. A menos que o considere inadequado como Lorde Ramsbury, mas jamais ouvi qualquer palavra desfavorável sobre as finanças de seu amigo.

Simon deveria ter imaginado que a irmã caçula adivinharia corretamente suas objeções para considerar Ramsbury como um pretendente aceitável. De maneira oposta a Sarah, Charlotte possuía uma natureza prática e objetiva, bem como coragem suficiente para enfrentar o duque com suas convicções. Não tinha dúvidas de que Lottie se encarregaria de afugentar os oportunistas que, porventura, a assediassem.

Pretendia responder à sua observação, mas Hunnigan levantou-se, inquieto para seguir viagem.

— Não diga que parte tão cedo, milorde. — Sarah tentou retê-lo, fechando os lábios em uma expressão amuada.

— Lamento abandonar a presença de damas tão encantadoras, mas seria imprudente não aproveitarmos a luz do dia para iniciarmos nossa viagem estando o inverno tão próximo. Campbell? — Hunnigan implorou por ajuda com outro olhar aflito, ignorando os protestos queixosos de Sarah.

Simon decidiu que o amigo havia sido torturado o suficiente.

— Tem razão — concordou, evitando rir da expressão de alívio manifestada no rosto de Hunnigan. Levantou-se do sofá, acompanhado por Lottie. — Devemos partir antes do anoitecer.

Enquanto Hunnigan se despedia de suas irmãs, Simon se aproximou da duquesa. Sua mãe ergueu a cabeça altivamente para encará-lo. Os belos olhos azuis o fitaram com reserva. Continuava a ser a mesma mulher bonita de sua infância e que inspirara poesias e duelos clandestinos. O evidente desprezo que sentia por seu filho — e que de forma alguma se estendia às suas filhas — tornara-se ainda mais evidente com o passar dos anos. Simon recordava com lamentável pesar a ocasião em que diretamente a indagara se chegaria o dia em que seria capaz de tolerar sua presença. A duquesa respondera secamente que sentia repugnância cada vez que o olhava, pois era muito parecido com o homem com quem fora obrigada a se casar, mesmo estando apaixonada por outro cavalheiro. Simon aceitara as duras palavras com nada mais que um inclinar de cabeça e passara a tratá-la com o mesmo desdém.

A Duquesa de Bendington esticou a mão em um gesto altivo. Tomando-a entre as suas, Simon curvou o corpo em uma educada reverência.

— Faça boa viagem, Campbell — o tom de voz da duquesa ecoou a fria cordialidade que ditara o relacionamento dos dois ao longo dos anos.

Acolheu suas palavras com desinteresse e deu um passo para o lado, permitindo que Hunnigan fizesse sua despedida. Seu olhar encontrou o de Sarah ao acaso. Estava parada ao lado de Lottie com os olhos fixos sobre os seus. Sem dizer uma única palavra, sua irmã entrelaçou as mãos à frente e inclinou a cabeça com indiferença. Simon retribuiu o gesto com o semblante sério. Maldito fosse Ramsbury por colocá-lo nesta desagradável situação.

Charlotte, que observava atentamente a ressentida interação entre os dois irmãos, aproximou-se de Simon com um sorriso compadecido. Não gostava de testemunhar a expressão em seu rosto quando era obrigado a interagir com Sarah. Sua obstinada irmã fazia questão de tratá-lo com frieza desde que a impedira de fugir com Lorde Ramsbury. Charlotte tentara convencê-la de que Simon agira em seu interesse e que a protegera — *mais uma vez* — ao não relatar o ocorrido ao duque. Mas Sarah, tolamente apaixonada, rechaçara suas tentativas de conciliação.

Erguendo-se na ponta dos pés, com as duas mãos apoiadas nos ombros de Simon, Charlotte plantou um beijo em sua bochecha.

— Traga-me um presente — sussurrou em seu ouvido.

Ao se afastar, desfrutou da expressão de surpresa no rosto de seu irmão. Demonstrar afeto não era algo comumente relacionado aos Northam. Para seu contento, no entanto, Simon elevou os cantos dos lábios em um sorriso e piscou um dos olhos na sua direção.

Após uma rápida troca de palavras de despedida, os dois amigos deixaram o aposento. Charlotte observou o irmão partir desejando em seus pensamentos que tivesse um merecido descanso no tempo que passaria junto à família de Lorde Hunnigan.

No suntuoso saguão de entrada de Branch Abbey, com seu teto abobadado e impressionantes vitrais coloridos, um velho mordomo aguardava o marquês e seu convidado para entregar-lhes seus pertences. Dawes era um homem de estatura mediana e olhar inteligente que ostentava seu impecável uniforme com orgulhosa dignidade desde que alcançara seu posto há quarenta e cinco anos. A dor excruciante que sentia nos joelhos, causada pela gota, jamais o impedira de atender suas responsabilidades. No entanto, esperava, com relativa ansiedade, o dia em que receberia uma generosa pensão por seus

préstimos de uma vida inteira. Tinha planos de trocar a Inglaterra por um lugar mais quente e acolhedor onde viveria os últimos de seus dias. Ao notar a aproximação do marquês e de seu convidado, Dawes os recebeu com uma respeitosa reverência. Voltou para a posição servil, ao lado da porta, após entregar os pertences a cada um dos cavalheiros.

Não passou despercebida a Simon a palavra de agradecimento que Hunnigan dirigiu ao mordomo. O gesto incomum fez com que experimentasse um irritante desconcerto. Há tempos não prestava atenção aos humores e sentimentos da criadagem. O que se iniciara pelo medo de represálias do duque, tanto para si quanto para os criados, transformara-se em um comportamento inconsciente ao longo dos anos.

O baú contendo seus itens pessoais havia partido mais cedo em uma carruagem fechada junto com seu criado de quarto. Pretendiam alcançá-la em um ponto de parada a caminho de Gloucestershire.

No momento em que Simon colocava um pé sobre o estribo e montava em seu cavalo, o duque apareceu na soleira da porta de entrada com seu costumeiro ar altivo. Olhar para o pai era como estar diante de um espelho. Seus cabelos ainda conservavam a cor escura do azeviche e continuavam a ser tão volumosos quanto em sua juventude. O único aspecto que se diferenciava da imagem que Simon guardava em suas memórias era o seu físico, que se tornara mais robusto com o passar dos anos.

Os olhos cinzentos, rodeados por finas rugas, o encararam com severidade. Simon sabia exatamente o que ia seu pensamento. Esperava que estivesse em Branch Abbey em menos de quinze dias para iniciarem a análise dos registros contábeis de todas as propriedades. Distrações eram consideradas levianas aos olhos do Duque de Bendington.

Com as rédeas nas mãos, Simon pressionou as coxas contra o lombo de sua montaria, incitando o cavalo a seguir em frente. Virou a cabeça para trás e olhou na direção da janela da sala de estar com a certeza de que encontraria Lottie à espera. Sempre que se ausentava por um longo período suas irmãs o observavam partir até que não estivesse mais à vista. A imprevisibilidade da vida não os permitia saber quando seria a última vez em que estariam juntos. Sorriu para Lottie e tocou o chapéu, preferindo ignorar o ressentimento provocado pela ausência de Sarah na janela. Ainda tinha esperanças de que sua irmã compreendesse os motivos que o levaram a afastá-la de Ramsbury.

Conforme os cascos dos cavalos levantavam poeira, deixando para trás o enevoado monastério, Simon pensava no quanto *distrações levianas* soavam como um bálsamo para suas preocupações.